



cavada em honra do teu repouso.

*Mas também tu mulher de seis anos
lá ficaste
no asilo da velhice de cocuana Zelina
deitado no talhão reservado aos imóveis
cidadãos alforriados de costas
no subúrbio derradeiro.*

Epígono do modernismo português a lembrar Cesário Verde e Gonçalves Crespo quando a poesia portuguesa tentava emancipar-se de um romantismo já fora de moda com marcas de sócio-realismo não distante do neorealismo português, numa épica de sabor lírico do povo sofredor, ao mesmo tempo orgulhoso, exultado por uma liberdade conseguida.

Muitos mais seriam de citar neste pequeno périplo pela língua portuguesa, sem esquecer aqueles que do outro lado do Atlântico a vão fortalecendo e disseminando.

Outros que venham e façam de outro modo porque o importante é que nós estejamos abertos à inovação.

E é assim a língua portuguesa, encruzilhada de quantos a falam e a escrevem, ponto de encontro onde se plasmam culturas e civilizações, veículo de comunicação, de estar em comum em traços de união que se fortalecem e não em cenários de fragmentação, conforme afirmava Carlos Reis no *Jornal de Letras* de 14 de agosto de 2004.

Que vitalidade a nossa!!!



19. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SETÚBAL

LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA é Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), Mestre em Literaturas Medievais Comparadas e Doutor em Línguas e Literaturas Românicas sendo atualmente Orientador pedagógico, Assistente e Professor Adjunto (Escola Superior de Educação de Setúbal) Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2004)



PUBLICAÇÕES

Comunicações e artigos sobre o ensino da língua materna:

O telejornal na aula de Português

As cores da língua portuguesa como expressão de cultura

L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues

Ensaio:

Os bestiários franceses do Século XII

O bestiário e os contos tradicionais portugueses

O universo do imaginário

A fábula em Portugal

Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (colaboração):

A cidade

O mundo das línguas

A CULTURA E O IMAGINÁRIO AÇORIANO-CATARINENSE NA OBRA LITERÁRIA DE FRANKLIN CASCAES

Ensinar uma língua é ensinar uma cultura. O ensino do português é o ensino de um vasto espaço cultural tecido de línguas e de culturas de forma mais ou menos harmoniosa. Neste contexto, o texto literário, enquanto espaço de sublimação de experiências e de emoções, continua a ser um poderoso e insubstituível meio de formação.

O presente trabalho, realizado no âmbito da formação de professores, é apenas um dos resultados de uma experiência de leitura coletiva apoiada por pesquisas que não dispensaram o recurso às novas tecnologias da informação. Acompanha esta reflexão literária um documento audiovisual de enquadramento cultural de aproximadamente 45 minutos.

O estudo e a valorização do contributo açoriano no sul do Brasil têm sido uma constante desde o Congresso de Florianópolis, comemorativo do bicentenário da colonização açoriana. A influência açoriana sobre a arte e em particular sobre a arquitetura tem sido frequentemente referida.

O estudo das influências do falar açoriano sobre o português de Santa Catarina foi iniciado por Paiva Boléo e Oswaldo Furlan. É, todavia, segundo Pavão Júnior, nas manifestações do imaginário popular que o contributo das ilhas é mais nítido e eloquente.

É no imaginário catarinense, e em particular na obra literária de Franklin Cascaes que encontramos umas das mais originais recriações do génio açoriano. O autor procede a um percurso iniciático em demanda das suas origens. De forma ritual celebra os antigos usos e costumes de um povo que soube escrever uma das mais lindas páginas de amor à terra, à ilha e ao eterno feminino. O presente trabalho não visa apenas evidenciar os processos literários de valorização mas pretende também proceder a uma reflexão crítica sobre a sua função.

1. O AUTOR E A OBRA

Após a segunda guerra mundial, o Estado de Santa Catarina sentiu a necessidade de reforçar a sua componente açoriana em detrimento da teutónica, mais recente e mais limitada a uma comunidade que, embora próspera, vivia mais isolada e fortemente desmoralizada pelos acontecimentos históricos recentes. É nesse esforço de valorização e nesse contexto de confronto cultural que se inscreve a obra de Franklin Cascaes.

Descendente de açorianos, nasceu e viveu, de forma simples, em Itaguaçu, no município de São José. Foi professor na Escola de Aprendizes Artífices, hoje Escola Técnica Federal. Todavia o seu espaço de estudo era junto do povo, nos seus locais de trabalho e de lazer. A paixão pelas suas raízes e pela sua cultura levou-o a imortalizar para a posteridade os rituais, as danças, os mitos, as crenças, os hábitos, as técnicas e os modos de fazer específicos do povo catarinense.



Artista, transformava as suas experiências em ilustrações, em esculturas e em contos de sabor popular. Todo o seu trabalho caracteriza-se por um processo de troca permanente entre a sua originalidade e a criatividade coletiva que constituía o seu verdadeiro “objeto de estudo”.

Inovador pelo método de pesquisa, também o foi nas suas formas de divulgação. Faleceu em 1983, com 75 anos. A Universidade Federal de Santa Catarina publicou nesse mesmo ano a segunda edição do primeiro volume dos seus contos “*O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*”. Em 1992 veio a lume um segundo volume, perfazendo um total de vinte e quatro contos.

2. ENTRE A HISTÓRIA E O MITO: A CULTURA AÇORIANO-CATARINENSE

Foi em 1748 que começaram a chegar os primeiros açorianos e madeirenses ao litoral catarinense, habitado até então unicamente por índios carijós, respondendo assim aos interesses da Coroa Portuguesa em povoar rapidamente esta parte do território para evitar as invasões espanholas. Num curtíssimo espaço de tempo (de 1748 a 1756) a região recebeu mais de 4.500 açorianos e um número relativamente significativo de casais madeirenses:

“Colonizada a partir de 1748, por colonos açorianos que habitavam aquelas ilhotas que vivem bem lá em riba da careca do oceano, açoitados diariamente pelas ondas bravias encarneiradas do mar e pelas bocas infernais de vulcões seculares que vomitam fogo e gemem furor incontido sobre as pobres populações. É um povo mesclado, inteligente, audacioso, de espírito arguto e, sobretudo, essencialmente religioso e arreigado em credences mitológicas.” (Eleição bruxólica. Cascaes, I, 11)

Os açorianos que se instalaram no litoral de Santa Catarina, a mais de 8000 quilómetros da sua terra natal, perderam, em larga medida, o contacto com o arquipélago e viveram relativamente isolados, preservando, deste modo, os traços fundamentais de uma cultura com características muito peculiares que sucessivas e posteriores levas de colonos, fugidos da miséria e dos caprichos vulcânicos, ajudaram a reforçar.

As suas relações com a sua origem tecem-se apenas no espaço do imaginário, alimentado pelas tradições, pelas superstições, pelos mitos e pelos ritos do quotidiano. Os casais que embarcavam traziam com eles famílias completas, o que viria a contribuir para acentuar do isolamento cultural, permitindo que cada família conservasse os seus próprios hábitos, e continuasse a cultivar a sua ímpar religiosidade. O amor pela palavra, a simplicidade rural de uma mentalidade pré-capitalista, a saudade da terra mítica, o grande respeito pelas coisas sacras e pelo sofrimento humano constituem o universo, a origem e a matéria dos “causos” de Cascaes:

“Sentados sobre a soleira da porta, sobre pedras ou pelo chão do terreiro, recolhidos sob frondosas sombras de garapuvu e outras árvores nativas, saudados pelo cantar dos gaturamos, sabiás, bem-te-vis e muitos pássaros ilhéus abriam o livro do pensamento açorita e liam, nas suas páginas sadias, as estórias populares que trouxeram nas malas de suas bagagens culturais, para doarem aos seus herdeiros.” (Congresso bruxólico. Cascaes, I, 19)

“Geralmente, no sítio longe do turbilhão tenebroso chamado cidade e outros nomes galegos, o pessoal, nos domingos de tarde, costuma sentar-se nos bancos e nos portais da casa da venda, em cuja reunião fala-se de roça, de pescaria, moças fugidas, festas e até se conta[m] muitas histórias da tradição das coisas da vida do povo passado. São histórias que vêm passando de boca em boca, guardadas no baú do pensamento humano, como relíquias dos dias de antanho, vividos pelos seus ancestrais.” (Reumatismo bruxólico. Cascaes, II, 79)

O processo de adaptação ao novo ambiente e o esforço de assimilação de novas realidades geraram, como não podia deixar de ser, uma nova cultura de miscigenação, única em todo o espaço lusófono. A alimentação prolonga antigos hábitos alimentares, à base de peixe frito, mas também não deixa de exibir uma inusitada capacidade de adaptação no tão apreciado pirão, na mandioca e nos seus vários derivados tais como o biju (espécie de rosca feita da farinha de mandioca):



“O compadre Manoéli Preira subiu o morro da Lagoa da Conceição da Ilha de Nossa Senhora do Desterro e, com seus filhos, derrubou um pedaço da mata-virgem, queimou-a e acoivou o terreno “prá móde” plantar rama de mandioca - a mani-oka dos nossos índios.” (Balanço bruxólico. Cascaes, I, 27)

O engenho de mandioca constitui, precisamente, segundo vários estudiosos a primeira inovação da cultura catarinense:

“E são esses primeiros povoadores que, após adaptação, dão à cultura catarinense a sua primeira e grande inovação: o engenho da mandioca. Em menos de quarenta anos já havia mais de trezentos a transformar a mandioca em farinha.” (Fidalgo, 2002, 49)

Todavia, embora a cultura açoriana original tenha sofrido profundas transformações, é evidente que a memória das suas origens nunca terá deixado de ser amplamente cultivada.

Festas, como a do Divino Espírito Santo, a das Santas Cruzes, a das “Folias dos Reis”, costumes como o do “Pão-por-Deus”, folguedos, como a Farra do boi (Júnior, 1987, 59-73), superstições, contos, mitos e lendas, como as que continuam a cultivar o ancestral imaginário “bruxólico” ilhéu, já raramente se encontram com o mesmo vigor nas outras regiões brasileiras:

“Sempre foi crença do povo hospitaleiro desta Ilha dos famosos boi-de-mamão que, na sexta-feira Santa, não se deve tomar instrumentos de trabalho para usá-los, seja qual finalidade for. É também costume tradicional deste povo, descendente de colonos açorianos, que, na sexta-feira Santa, a partir de zero hora, devem banhar-se nas ondas do mar, levando consigo animais domésticos, para purificarem-se e protegerem-se de todos os males do corpo físico e espiritual.” (Vassoura bruxólica. Cascaes, I, 63-64)

Das origens açorianas continua-nos a falar a preservada arquitetura tradicional, de casas baixas, com pequenas aberturas, a relembrar a suas origens humildes e militares, exibindo parcimoniosos e arcaicos motivos decorativos, sempre magnificamente integradas no meio circundante, em íntima relação com a terra e com o mar, exibindo a condição anfíbia que um povo de agricultores se viu, por necessidade, abraçar. (Martins, 1996).

Ribeirão da Ilha, na Ilha de Santa Catarina (Florianópolis), é um magnífico exemplo de preservação arquitetónica. As casas e a igreja, com cerca de duzentos anos, são tipicamente açorianas, estão em perfeito estado e continuam a desempenhar a sua função original. As casas continuam a ostentar as suas típicas cores originais, vermelho, azul, amarelo, e cor-de-rosa. O Império do Espírito Santo lá continua a desempenhar a sua função:

“O Policarpo deu uma gola nela numa festa do Divino da Freguesia do Ribeirão. Ela já era bruxa quando foi namorada dele, porém ele não sabia e nem desconfiava.” (Bruxas metamorfoseadas em bois. Cascaes, II, 57)

Alguns engenhos de cana e de farinha e algumas embarcações tradicionais subsistem graças aos cuidados de alguns privados e de alguns museus e instituições culturais (Pereira, 1993).

Em São Francisco do Sul, no litoral norte do Estado, a terceira cidade mais antiga do Brasil e um dos epicentros da memória viva açoriana, o Museu Nacional do Mar, de criação recente, ostenta algumas das embarcações catarinenses que estão caindo em desuso e perpetua a memória da pesca da baleia que foi uma das ocupações mais importantes da comunidade açoriana:

“Naquele tempos de antanho, a Vila Capitáli recebia a ligação de suas comunidades por via marítima, através de canoas bordadas ou [de] borda falsa e canoas [de] borda lisa, confeccionadas de um pau só, cavadas a enxó ou a fogo, como usaram os índios. Também usavam, muito raramente, fazer as viagens com as lanchas baleeiras.” (A bruxa metamorfoseou o sapato do Sabiano. Cascaes, II, 45)



O ciclo da baleia terminou, mas as “lanchas baleeiras” ainda estão em plena atividade nas praias catarinenses. Hoje, servem, essencialmente, para a pesca da tainha e da anchova embora as águas catarinenses sejam muito ricas em muitas outras espécies.

De São Francisco do Sul a Laguna, no Sul do Estado, passando por Itajaí, Barra Velha, Florianópolis e Garopaba, a pesca artesanal continua a ser uma das atividades mais importantes para a comunidade descendente dos açorianos. Os pescadores podem ser vistos, durante os períodos de defeso, nas praias, cantando ou contando “causos”, enquanto remendam as redes e fazem consertos nas embarcações:

“Contou-me um narrador de estórias de assombração que, na Costa da Lagoa da Conceição da Ilha de Santa Catarina, em anos que já vão longe de nós, morou um pescador que possuía várias embarcações para os serviços de pesca, entre as quais, também uma lancha baleeira.” (As bruxas roubam a lancha baleeira de um pescador da ilha. Cascaes, I, 73)

O tipo de litoral baixo, com tão grande variedade de peixes e outras espécies marinhas ofereceu-lhes ótimas condições para a pesca. Todavia, embora o solo catarinense, argilo-arenoso, não permitisse a cultura do trigo, a teimosia açoriano nunca virou as costas à lavoura:

“O Bento Leandro, da Maria Macária, era um moço, filho de famílias descendentes de colonos açorianos, que, a partir do ano de 1748, passaram a colonizar as terras selvagens da Ilha de Santa Catarina, a antiga Desterro do Dias Velho. Homem pobre, de pai desconhecido, porém muito trabalhador, com o suor que derramou de sol nascente a sol poente, durante muitos anos no trabalho árduo de lavrador, conseguiu amearhar algum dinheiro e usá-lo na compra de bens de raiz.” (Madame bruxólica e Saci-Pererê. Cascaes, II, 91)

Povo de agricultores que teve que se tornar pescador, povo de pescadores que não sabem nadar, a sua relação com o mar é simultaneamente de medo e de respeito. As notícias de pescadores que caíam ao mar e que morriam eram e continuam ainda, infelizmente, a ser comuns assim como as histórias fantásticas que continuam a desencadear:

“Homem intrépido que era, acostumado a enfrentar fortes tempestades, frio, fome, sede e outras sensações diversas diariamente em sua árdua profissão de pescador artesanal, não titubeou em enfrentar mais um estranho caso que o destino lhe colocou frente à frente, como um desafio à sua coragem de indomável homem do mar. Sempre respeitou as coisas do outro mundo, nunca lhas tocou nem de leve com escárnio ou zombaria e, também, nunca duvidou da sua existência e atividades aqui neste mundo de sofrimentos e tribulações várias.” (As bruxas roubam a lancha baleeira de um pescador da ilha. Cascaes, I, 73-77)

3. ENTRE O EROTISMO E A FEITICARIA: O IMAGINÁRIO AÇORIANO-CATARINENSE

A produção artística de Franklin Cascaes assenta numa relação telúrica profundamente erótica. O autor coloca todas as suas faculdades ao serviço da representação da Ilha amada. Para louvar os seus encantos, a sua assombrosa beleza, inicia um percurso de conhecimento que se assemelha a uma demanda, a um regresso às origens, a uma comunhão plena com o corpo e a alma do objeto amado (Ilha adorada):

“Oh! Minha querida ilha de Santa Catarina de Alexandria, és graciosa sereia que repousa sobre brancas areias de cômodos errantes, sambaquis seculares, banhada pelas ondas acasteladas do oceano, perfumada pela brisa acariciante dos ventos e enxuta com as toalhas felpudas dos raios solares que beijam calorosamente seu corpo mitológico.” (Vassoura bruxólica. Cascaes, I, 64)

Essa demanda vai traduzir-se pela exibição e valorização da sua cultura e da sua história. É ela que o leva a pesquisar as suas lendas e as suas superstições:



“É rica, bela, admirável e invejada a imaginação popular dos teus habitantes descendentes de açorianos, oh minha querida Ilha de Santa Catarina de Alexandria.” (Congresso bruxólico. Cascaes, I, 24)

“Querida ilha de Nossa Senhora do Desterro, a madame estória popular, que veio nos camarotes culturais junto com os ilhéus açorianos e madeirenses que te colonizaram, são potências divinatórias do saber humano Quimérico.” (Estado fadórico das mulheres bruxas. Cascaes, I, 59)

“E muitas vezes, creio, entre tristezas e saudades, surgiram com esperanças de dias melhores, a beleza, a fascinação e o encantamento das estórias contadas lá na terra distante e que, aqui também, achavam, era obrigação patriótica relembra-las e planta-las dentro da cultura dos seus descendentes.” (Congresso bruxólico. Cascaes, I, 19)

Criaturas fantásticas povoam o imaginário açoriano-catarinense tais como os curandeiros, as bruxas e os “boitatás”. As lendas e os mitos cantam a heroicidade e a valentia de um povo simples, humilde, corajoso que cruzou o mar para confirmar uma coroa, afirmar uma cultura e perpetuar uma identidade. Dessa epopeia ainda nos falam os gestos simples dos ceramistas e dos pescadores, os espaços assombrados dos engenhos de farinha e de açúcar, e a memória viva de um povo que teima em sobreviver:

*“- Primo Nicolau! Vossa mecê acardita memo de vredade naquelas istória que o nosso povo lá das ihias dos Açôri (i) contavo prá nós como vredaderas?
- Ah!... Sim, acardito de vredade, sim, minha prima! E inté agora me veio uma delas, no bestunto da minha cabeça e que eu acho ela memo munto inzata. Como tu bem sabes e vancês todos que tão aqui me osvindo, aquelas ihia dos Açôri, de ondi os nosso avó, foram sempre munto infestada por muhié bruxa que roubam embarcação prá móde fazê viagem inté a Índia em quatro horas; que dão nós nos rabo e crinas dos cavalo; chupo sangue de criancinha; intico com as pessoa grande e pratico mil malas-arte.” (Congresso bruxólico. Cascaes, I, 20)*

O universo imaginário de Cascaes é sobretudo o universo bruxólico e mítico que tão bem soube representar nos seus desenhos fantásticos com uma originalidade genuína e profunda. Para ele, o mito é a possibilidade de aceder às origens, uma realidade inteligível, uma pré-figuração do mistério primordial que antecede a revelação. A sua paixão pelas origens estimula a sua imaginação e a sua força criativa, o artista não se limita a reproduzir, pelo contrário, recria e atualiza a tradição. Abundantes são os pormenores e as referências ao quotidiano, às manifestações mais contemporâneas do rico imaginário catarinense:

6. Esta velha bruxa chefe
Assiste televisão,
Pois ela é dona do túnel
Que tá lá naquele chão.

7. A credice popular
É uma riqueza espantosa,
Que estamos desperdiçando
Pra bons incestos de prosa.

8. Ora veja esta bruxinha
Em urubu fantasiada:
Parece a mais linda misse
Que a Nova lorque foi levada.



9. Ilha das velhas faceiras

E, também, das moças prosas

As bruxas dos teus recantos

São lindas que nem as rosas.”

(Velha bruxa chefe. Cascaes, II, 98)

O universo bruxólico representado pelo autor continua todavia a ser uma emanção das superstições populares, ainda hoje bem vivas tanto na Ilha de Santa Catarina quanto o foram no arquipélago dos Açores e no interior do espaço continental português:

“- Compadre, a terra de origem deste punhado de areia e deste ramallete de rosas é a Índia. Eu aprendi na minha escola de iniciação à bruxaria que lá, nos Açores, na terra dos nossos antepassados, as bruxas também costumavam roubar embarcações e fazerem estas viagens extraordinárias entre as ilhas e a Índia, em escassos minutos marcados pelos relógios do tempo.” (As bruxas roubam a lancha baleeira de um pescador da ilha. Cascaes, I, 73-77)

“Havia um homem que era pescador e, quando chegava à calheita para deitar o barco ao mar, ele estava sempre alagado. Uma noite resolveu ir e foi vigiar para ver se apanhava a pessoa que andava com o barco. Escondeu-se dentro dele e botou uma serapilheira por cima de si. Dali a bocado grande, viu entrar duas raparigas e cada uma pegou no seu remo e foram a remar pelo mar fora. Chegaram à Índia, arrumaram o barco lá num canto e meteram por terra dentro.” (Altars, Terceira - Açores) (Martins, 1994, 103-104)

“De noite a comadre e outras bruxas levaram o barquinho para o Brasil, e ele dentro. (...) Chegaram à terra na mesma noite, prenderam o barquinho e foram-se embora. Era num sábado. Ao outro dia de manhã foi o compadre da bruxa à missa e levou a cana-de-açúcar e disse lá na missa que fora na noite anterior ao Brasil. Os vizinhos dizem que não era verdade, e ele:

-Pois para o quê, tenho aqui uma cana-de-açúcar, que lá cortei esta noite.

A comadre disse-lhe que não andasse com estas gabações, porque as outras que o matavam, “que eu fui que te vali a tua vida, que elas já iam a dizer que cheirava a sangue vivo”. Granja das Biocas) (Vasconcellos, 1963, 436-437)

As bruxas são uma personificação das angústias e dos medos, uma emanção do mal, uma manifestação do desconhecido, têm pacto com o diabo, lançam "mau-olhado", provocam doenças incuráveis, enfermidades e conflitos irremediáveis. Transformam-se em mariposas para entrar nas casas pelo buraco da fechadura e chupam o sangue de criancinhas antes de serem batizadas. Exige a sabedoria popular que as bruxas sejam mulheres magras, feias e antipáticas e geralmente esquerdinas. Se numa família nascerem sucessivamente sete crianças do sexo feminino e se a mais velha não batizar a mais nova com o nome de Benta, uma delas, a primeira ou a última, será bruxa:

“Depois do nascimento da sexta filha, nasceram duas gêmeas. O casal ficou muito preocupado com a dádiva lá de riba do alto, isto porque sabiam de antemão que, ao nascer a sétima filha de um casal de gente de argila humana, a mais velha tem obrigação espiritual de batizar a mais moça, para afugentar o triste fado bruxólico que ela recebe naturalmente ao nascer neste mundo de Nosso Senhor, como também os pais devem aplicar-lhe o nome de Benta.” (Bruxas gêmeas. Cascaes, vol. II, 23)

Todavia inúmeras são as formas de as afastar das nossas vidas, a elas e às doenças que elas provocam: tesouras abertas, ceroulas amarradas, alhos e, obviamente, rezas e benzeduras que só a memória das anciãs e dos curandeiros, “médicos da alma”, conhecem:



“Um dos chás mais importantes que se usa[m] é de um pedaço de fita vermelha da bandeira do Divino Espírito Santo. Usam também fazer fricções na pele com banha de porco doméstico, de gambá, de carneiro, de jacaré, de galinha e outros.” (Reumatismo bruxólico. Cascaes, 79)

As bruxas de Franklin Cascaes possuem todavia um encanto muito especial, são mulheres de carne e osso, feitas de desejos, de sonhos e de pesadelos, por vezes são brincalhonas, gostam de “judiação”, travessias e tropelias, pelo puro prazer de assistir ao sofrimento e ao desespero do comum dos mortais, são frequentemente sedutoras, exibem descaradamente a sua nudez, mulheres enfeitiçadas que se tornam feiticeiras, mulheres anuladas que se revoltaram contra o destino, mulheres emancipadas que ousaram desafiar as leis do bom senso, “mulheres gostosas e cheirosas” que se oferecem em noites de luar: “As mais famosas bruxas da Ilha vivem lá no Ribeirão só comem pétalas de rosa pra ter cheiro no coração.” As bruxas de Frankelin Cascaes são a personificação dos mistérios da feminilidade e da tremenda carga erótica que emana da sua ilha adorada:

“O Graciano da Ribeira, o mais idoso dos camaradas, apresentou-se com muito respeito para guardar a nudez delas e o fez, colocando as quatro mulheres nuas sentadas no fundo da lancha, envoltas na rede e com as pernas para debaixo dela, abrigando as partes vergonhosas, protegendo-as contra os olhares apetitosos dos outros camaradas.” (Lamparina e Catuto em Metamorfose. Cascaes, 82-84)

“Quando remava, sentia que as megeras bruxas mergulhavam por debaixo da canoa, “quiném um cardume de botos”, em gozo de férias marítimas. (...) Quando deu meia-noite nos relógios da terra, elas perderam o estado fadórico e se apresentaram nuas na frente dele. Ao fitá-las, reconheceu sua prima que o havia visitado, e mais três mulheres da comunidade.” (Bruxas atacam um pescador. Cascaes, 89-90)

4. CONCLUSÃO

A todo o imaginário místico e noturno bruxólico opõe-se um imaginário diurno heroico que caracteriza o próprio homem açoriano que, nascido do centro incandescente do mundo, ousou desafiar os mares para conquistar o seu canto do paraíso com a força do seu trabalho e da sua imaginação:

“É do fascínio dessas vidas extraordinárias da sabedoria popular que tomam o caminho de férteis pensamentos de seres humanos que um dia aceitaram transferirem-se de dentro do coração sempre agitado do oceano para virem aqui desbravar o sertão desconhecido das terras desta ilha de Nossa Senhora do desterro.” (Congresso bruxólico. Cascaes, 19)

O conjunto dos contos de Frankelin Cascaes possui uma verdadeira dimensão épica e, tal como os Lusíadas, celebram a coragem e o engenho lusitanos que novos mundos ao mundo deram e por entre povos e culturas, novos povos e novas culturas ajudaram a criar.

A obra de Frankelin Cascaes ficará para sempre como um dos exemplos mais conseguidos de reforço e renovação da componente lusitana no conjunto do riquíssimo mosaico cultural brasileiro. Este reforço e esta renovação já haviam sido identificados como prementes por Gilberto Freire em “*Continente e Ilha*”:

“Nada de nos esquecermos, porém, de que será vantagem e não prejuízo, para o Brasil, enriquecer-se da energia folclórica que, sob a forma de danças, de artes domésticas, de tradições culinárias, de jogos, de lendas, de técnicas de trabalho, nos continue a trazer o português ou o hispano, ou nos traga qualquer grupo europeu que venha estabelecer-se entre nós – alemão, austríaco, polonês, italiano –, uma vez que já temos vigor nacional de cultura para ir subordinando essas riquezas novas às tradições dominantes, que são as luso-indo-africanas. É claro que a parte lusitana dessas tradições dominantes precisa de ser constantemente reforçada e renovada. (Cit. por Boléo, 1950, 47)



Paiva Boléo, em 1950, testemunhou o embate cultural luso germânico e sublinhou a necessidade do reforço e da renovação das tradições lusitanas: *“O que se afirma no último período constitui necessidade premente no estado de Santa Catarina, onde, como me dizia uma alta figura do Brasil, a cultura luso-brasileira «perigosamente enfrentou a cultura alemã».”* (Boléo, 1950, 47)

5. BIBLIOGRAFIA

- BOLÉO, Manuel de Paiva – O congresso de Florianópolis. Coimbra, 1950
- CARUSO, Raimundo - Franklin Cascaes. Vida e arte e a colonização açoriana. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.
- CASCAES, Franklin – O Fantástico na Ilha de Santa Catarina. I. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983.
- CASCAES, Franklin – O Fantástico na Ilha de Santa Catarina. II. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.
- FIDALGO, Manuel Caçoilo – Santa Catarina e Rio Grande do sul. Adaptação renovação – afirmação açoriana no sul do Brasil. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 2002.
- HARO, Martim Afonso Palma de (org.) - Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes de estrangeiros nos séculos XVIII e XIX; Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, 1996.
- JUNIOR, José de Almeida Pavão - La littérature orale de Santa Catarina et la présence culturelle des Açores in Litterature orale traditionnelle populaire – Actes du colloque. Paris, 20-22 Novembre 1986. Fondation Calouste Gulbenkian. Centre Culturel Portugais, 1987.
- MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira – Arquitetura popular açoriano/brasileira. Subsídios para o seu estudo.
- PEREIRA, Nereu do Vale – Os engenhos de farinha de mandioca da ilha de Santa Catarina. Etnografia Catarinense. Florianópolis: Fundação cultural Açoriana, 1993.
- PIAZZA, Walter F. – A epopeia açórico–madeirense (1746-1756). Coimbra: Centro de estudos de História do Atlântico, 1999.
- Vários - As Ilhas e o Brasil. Coimbra: Centro de estudos de História do atlântico, 2000.
- 3.º Congresso de Comunidades Açorianas. Angra do Heroísmo, 1991.
- **CD-ROM** – Florianópolis. Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Tempo Editorial.

MARIA D’AJUDA ALOMBA RIBEIRO (À DIREITA)



20. MARIA D’AJUDA ALOMBA RIBEIRO, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC - BAHIA BRASIL

: www.lusofonias.net